

PUBLICAÇÕES

Anunciam-se todas as publicações de que se recoba um exemplar

Acceta-se toda a colaboração, desde que não fira a nota politica nem ofenda susceptibilidades não se devolvendo porem os originaes, ainda que não sejam publicados

O Viroscas

(Ridendo castigat mores)

SEMANARIO IMPARCIAL COM PRETENCÕES A HUMORISTICO

Proprietario, director e administrador: — ARNALDO JULIO MARTINS

Redacção e administração: — Rua da Avenida, n.º 6 — Composição e impressão: Tipografia Caldense de José da Silva Dias — CALDAS DA RAINHA

É logico

Um telegrama publicado nos jornais de Lisboa diz que o governo militar alemão da Belgica, ordenou que todo aquele que fotografasse as localidades conquistadas, teria um ano de prisão e mais uma multa bastante pesada.

Esta ordem que á primeira vista parece um leve capricho, uma ordem lançada sem reflexão, possui pelo contrario uma enorme pressão autoritaria bem em relação com a forma como as tropas alemãs têm procedido desde o começo da guerra.

Os alemães não têm feito outra coisa senão destruir, não respeitando absolutamente nada. Edificios historicos, bibliotecas, igrejas, museus, tudo são montões de ruínas após a sua passagem!

Quando esta tremenda guerra acabar, se olharmos para a região onde tantas victimas perderam a sua vida, não veremos senão ruínas, uma rasia por toda a parte. Quadro deveras pavoroso! As ruínas que o povo alemão tem causado, serão para sempre padrões historicos a demonstrarem a sua civilização! Por isso é logico, que proibam que os fotografos tirem vistas, pois são documentos que vêm provar quanto eles mentem quando asseveram que nada destruíram!

Mas se a proibição veio agora, já inumeras illustrações por todo o mundo revelaram a humanidade essas vistas, tão nitidamente demonstrativas da forma como esses barbaros fazem a guerra. Agora é já tarde, para que possam encobrir quanto têm destruido.

Quantas vistas das ruínas da catedral de Reims andam espalhadas? E como estas muitas mais de outras cidades, vilas e aldeias?

Não será decerto esta ordem que fará esquecer a todo o mundo civilizado a série de selvagerias que as tropas alemãs têm praticado.

O castigo chegará, mesmo que fujam a ele!

E' logico o que diz o telegrama, mas tambem é logico que obtenham o justo premio das suas façanhas.

Confissão...

(A menina Alzira D. C. S. Frego)

Amo-te muito! morena
Do meu coração rainha.
Só anexo por te ter...
E chamar-te, «sempre minha!»
Possuir teu coração,
E ser por ti sempre amado!
Eis toda a minha ventura,
Que tanto tenho sonhado!...
Dá-me pois amada beia,
Em troca do meu amor;
Um sorriso dos teus labios...
Pra' afugentar minha dor...
E depois... se te pedir...
Tambem o teu coração...
Oh! não m'o deves negar!
Pois era uma ingratidão!

S. Lino Teixeira

Moreninha d'olhos negros,
Ouve a minha confissão,
Ouve o meu triste gemer,
O meu pobre coração.

Talvez... quem sabe? tu penses...
 Em me dares teu amor...
 E' por ele que eu peço,
 E' por ele a minha dor.

E's o sol da minha vida
Nesta triste solidão.

E's a minha imagem qu'rida
Do meu terno coração.

Sem ti não posso viver,
E's a minha virgem pura;
Quero contigo morrer...
Em l'licidade e ventura.

Lisboa.

Elzira

Era uma linda criança de dez anos; filha de pobres trabalhadores, perdera os pais quasi ao mesmo tempo.

Recolhida por um cabreiro rustico e mau, mandara-a este conduzir o rebanho para o monte, dando-lhe um bocado de pão negro e duro e dizendo-lhe da primeira vez:

— Agua tens tu lá, e com fartura.

Durante dois anos, de madrugada, conduzia o gado; ao toque das Ave-Marias recolhia-o, e no mesmo sitio em que dormiam as cabras, sobre uma porção de palha infecta, estendia o corpo magro pela miseria.

Nos longos dias de Junho, sentada sobre a relva, scisnava horas inteiras; não existia para ella outro mundo além da sua aldeia, o céu acabava ali; amizade, simpatia, amor, tudo lhe era desconhecido, nunca essas frases ternas lhe adoçaram a aspereza daquela vida inculta, mas tinha horas em que sentia invadi-la uma ternura estranha, e eram as cabras, as suas queridas cabras, as unicas confidentes desses momentos consoladores: afagava-as com o ardor da febre apaixonada dos tísicos, imprimia beijos demorados na lã branca e assetinada das ovelhinhas; depois enxotava-as carinhosamente, repetindo muitas vezes a Ave-Maria, — unica oração que uma velhinha do lugar lhe ensinára em pequena.

Um dia em que tristemente subia a montanha, com o descarnado peito a arfar de cansaço, ouviu um tiro de espingarda; assustada voltou-se e viu cair como um floco de neve um pequeno corpo entre a relva que atapetava o monte; correu ligeira e encontrou ferida e quasi moribunda uma rolinha branca.

O rosto de Elzira iluminou-se duma alegria infanda; pegou-lhe com as mãos frementes de comção, banhou-lhe no riacho a ferida que

sangrava e aconchegou-a ao seio mal coberto.

— Se viveres, lhe disse ella serás a minha amiga; dar-te-ei do meu pão e levarei sempre relva fresca para te deitares.

Dai em diante Elzira sentia-se feliz; aquella natureza ardentissima expandia-se ternamente, mas o mal aumentava e tomava posse de todas as suas forças.

Uma noite não voltou o rebanho; e o cabreiro, amado de um varapau, foi buscar aquella atrevida com pela primeira vez se deixara dormir com risco de tresmalhar o gado.

O dia surgiu magestosamente baixo.

As cabras e as ovelhas apascentavam tranquilamente; junto delas o corpo da rapariga, estendido, enteerificado, tendo no rosto a pallidez da morte, parecia velar com os olhos meio cerrados as suas innocentes companheiras.

Poisada sobre o hombro da mísera cabreira estava a rola — a unica que lhe recebera o tufano suspiro!

No cemiterio da aldeia, no canto mais desguarnecido e apenas contendo uma cruz toscamente feita, era a sepultura da pobre Elzira.

Todos os dias se via uma flor de campo sobre a terra avermelhada e seca. Quem iria depór naquelle sitio ignorado, essa prova de saudade?

Ninguém sabia! Mas um dia ao abrir uma outra vala, encontraram morta sobre a campã da cabreira, apertando no bico uma florinha azul, a rola branca.

Artsousa

Muito bem!

Sabemos de fonte limpa, que um grupo de socios da Associação dos Caixeiros, encomendou a uma das melhores fabricas de louça artistica desta villa, um pianista em tamanho natural, para tocar nos bailes que se realizarem na sala da Associação.

DE RASPÃO

Filhos e mais filhos!!!

Dizem os jornais que uma mulher em Maфра, teve ha dias uma chuva de filhos, que deixou atonito o medico, marido e pessoas visinhas!

Não ha' ninguém que goste mais de filhos do que eu, pois legitimos tenho três e bastardos julgo que não têm conta. Mas de uma mulher só! crêdo, é demais!!!

Pobre mulher, coitada, estou a vêr a cara dela quando uns após outros vinham aparecendo neste mundo.

E a cara do marido? Quando todos chorarem, que belo orfeon, que agradável passatempo! Quando daqui a tempos nascer outro *néné*, imagino a cara do pobre homem á espera que venham mais! Nem um cão rateiro á espera dos ratos!

Com a vida cara como está, apparecerem assim de repente sete ou oito filhos, que alegria para a familia! De pois mais tarde, cada um terá o seu genio, a sua indole, os seus gostos, que inferneira não será!! Se forem politicos?!

Porque pôde muito bem ser: um democratico, outro evolucionista, outro anarquista, outro socialista, e os restantes sindicalistas e talassas, será da gente dar em dóido! Palavra que tenho pena dos desgraçados país! E quando fôrem homens, se vier uma lei de mobilisação, que lagrimas não irão naquella casa!

Dado o caso de serem alguns do genero feminino, ou todos? Tudo aquilo a namorar! Um exercito de *pinocas* sempre atrás!

Se eu fosse rico dava ao pai um premio e pagava-lhe as passagens para a Belgica, pois daqui a anos os belgas já teriam gente bastante para tirar a desforra contra os alemães. Mas agora me lembro, mandarem tambem a mulher, esta é que teve os filhos.

MIGUEL DA PONTE

Não digam a ninguém!?

Na passada segunda-feira, ficámos deveras surprehendidos, ao vêrmos um sujeito com um gancho, revolvendo o lixo dos caixotes, que estavam ás portas. Como cá na terra não é costume haver trapeiros, não pudemos conter a nossa curiosidade e a ele nos dirigimos, perguntando o que andava a fazer.

O sujeito, olha para todos os lados, como a certificar-se de que estavam sós e diz-nos em segredo:

—Ando por mandado da comissão do baile dos caixeiros, para ver se encontro um piano; mas, por favor, não digam nada a ninguém! E assim fizemos! Mudos e quedos, quais penedos!?

Quem seria?

Informam-nos que ha dias appareceu em Lisboa um sujeito muito alto com um sobretudo pendurado nos ombros, em lórma de cabide. Pela maneira atenta como admirava as montanhas dos estabelecimentos da baixa, mostrando-se bastante surprehendido com o que via, dava a impressão de ser um provinciano que pela primeira vez ia á cidade de marmore e granito.

Houve até quem dissesse que é de cá. Com franquesa, não sabemos quem possa ser!...

R. I. P.

(No cemitério da aldeia dos poetas)

Debaixo dessa pedra denegrada
Que funéreo cipreste alem' sombraia,
Jazem restos por quem meu peito aneia,
Por quem dei coração, dei alma e vida!...

Outrora disputei a paz querida;
Mas a Parca feroz, que se recreia
Ea' cortar da beleza a fragil taia,
Roubou-me a prenda a mais apetejada!

Os encantos perdi de Marcia bella;
Só me resta na sombra do jusigo
Gelado e mudo ir abraçar-me a ela.

Ai encontrarei seguro abrigo
Contra a dôr que a existencia me atropelall...
—Eu quando estou com a bolha... sempre as digol

Amadora, 10/12/914. L. Ramos

Alviçaras

Dão-se a quem descobrir o paradeiro do pianista que devia ir tocar ao baile dos caixeiros na segunda-feira passada.

Tambem se gratifica quem disser onde está o piano em que ele devia tocar.

Um "Auto," endiabrado

Ha por ai quem lhe dê cuidado a operação porque ele teve de passar.

Verdade seja que era um tanto ou quanto melindrosa. Mas graças ás cabaças e ao sr. dr. Afonso Costa, dessa está o perigo passado, o que porém se não esperava era que lhe sobreviesse uma enfermidade nos dentes que deu bastante cuidado a um illustre cavalheiro cá do burgo, havendo por sua indicação uma grande conferencia, em que não interveio nenhum *mestre de agulha e tesoura*. Nesta conferencia concordou-se que ficasse eu, que já era seu medico assistente, a continuar o tratamento.

Como o seu padecimento era dos dentes, comecei a tratá-lo com a *pasta couçaça*, de que tirei os melhores resultados e ele ai está, em franca convalescência.

—E' provavel que não se restabeleça com muita brevidade, por causa do mau tempo e ainda pela sua *idade avançada*, mas no entanto já se evitou que fosse para a casa de saude de Bemfica, ser tratado pelo *mestre de agulha e dedal*, o que já succedeu a um enfermo que padecia da bexiga, e que ali se teve de sujeitar á melindrosa operação da substituição da *bexiga* por outra das mais modernas e assim ficou, segundo dizem, muito melhor. Não acho que ficasse muito bem curado, mas, enfim, como ficou a vontade da familia, está muito bem.

E' provavel, mesmo, que lá volte para então vir completamente bom e depois poder medir as forças com este seu colega *endiabrado*, que cá o espera, se não lhe sobrevier alguma molestia contagiosa, porque então, se isso acontecesse, talvez tenha de ir até á casa de saude, para se tratar com os medicamentos do *mestre talha-fatos*.

O medico assistente,

Dr. Cardan Magnéto

Melhoramentos locais?!

Consta-nos que a Praça da Republica vai deixar de ser iluminada pelos arcos voltaicos. Efectivamente nestes ultimos dias tem estado ás escuras.

Não podemos compreender a razão desta ordem tão descabida, que deixa a melhor arteria desta vila, mais mal iluminada do que alguns bécos!

Quererão transformar a Praça da Republica em sucursal da Mata?

Na Rua do Jardim

—Com que então toca a passear.
—E' verdade, vou dar um giro.
—Então vens na segunda-feira ao baile.
—Se houver!
—E porque não ha de haver?
—Ora sei lá! Tambem eles o antunciam para a segunda-feira passada e não o deram.
—Pois sim, mas tu não sabes que o pianista deu parte de doente á ultima hora?
—Qual historia, eles nem tinham piano!
—Bem sei, mas mesmo que o tivessem, o pianista fez a partida de dizer que estava doente, sem estar.

Sério, essa não sabia eu, julguei que fosse por não terem piano!

Tambem foi isso, mas para evitarem esses inconvenientes, encheram-se de coragem e compraram um piano.

—Caspitê! Estão altos!!

—E' como te digol.

—Então agora estão eles a rir-se de quem se ri deles?

—Pois claro, mas não sabia eu, julguei que fosse por não terem piano!

Visto isso, podemos contar com baile na segunda-feira?

—Pela certa, e já ouvi dizer que o pianista vem de Torres, e é um musico distinto!

—Valha-nos isso, já que tardou tanto o primeiro baile, ao menos que seja coisa que dê brado.

—Pois sim, mas o melhor é a gente não contar com o ovo antes da galinha o pôr.

—O que queres dizer com isso?

—E' que pôde dar o *tanglomango* ao pianista e...

—Estás a vêr!

Talvez!

Houve quem visse um dia destes um grande cão, percorrendo as ruas da vila com um piano na boca.

Suria o piano para o baile dos caixeiros?

A FITA

(A. L. R.)

Vive Lulu a dedilhar tristezas,
Nas cordas toas duma velha lira,
E Marcia ingrata, desdenhosa e treda,
Cantando leda o tado pistofira.

Enquanto o triste pondo o olhar em alvo,
Feito papalvo, vai fazendo esgares,
La anda ela a assoviar modinhas,
E em escovinhas, dando aos calcanhares.

A vida é isto: — é sorriso e pranto,
Inferno e encanto; é sombra e luz bemdita,
Enquanto uns choram, vão-se outros rindo,
E assim vai indo... vai correndo a fita.

12-12-914.

A. Gulio dos Cantos

Uma boa noticia

Podemos hoje dar aos nossos leitores uma agradável noticia. O governo acaba de ceder á Associação de Socorros Mutuos Rainha D. Leonor uma casa para a nova instalação da sua sede. Deve-se este feliz resultado á incansavel comissão para esse fim eleita, que se não poupou a esforços para o conseguir.

Estamos arranjados

Com a subida, ao poder do ministerio democratico, desencadeou-se nova tempestade politica.

Agora é que vai ser bonito. Daqui a pouco ninguém se entende.

Matar o bicho

«Matar o bicho»— diz um cronista do «Gaulois»— é infelizmente uma expressão demasiado popular, demasiado comum e cuja aplicação acarreta as consequências mais funestas para o indivíduo, a família e a sociedade. Não deixa, pois, de ser interessante conhecer-se-lhe a origem e ver a adulação que ela sofreu através dos séculos.

Folheando uma obra do século XVI, encontramos esta aplicação curiosa da frase em questão:

«No ano de 1529, mês de julho morreu súbitamente a esposa do Sr. de La Vernade, um dos procuradores do Rei.

Fez-se a autopsia do corpo, e no coração encontrou-se vivo um verme que tinha atravessado o coração.

Os médicos, está claro, procederam a experiências com aquele bicho, para saberem por que meio se poderiam livrar os doentes de tão detestável hóspede. Começaram por lhe aplicar uma droga considerada o mais inérgico dos contra-venenos; e o bicho resistiu. Outras mezinhas deram o mesmo resultado negativo. Por fim recorreram os médicos ao pão embebido em vinho: imediatamente o bicho sucumbiu.

Em vista de isso, formularam os médicos este preceito: que convinha tomar, pela manhã, em jejum, um calix de vinho ou qualquer outra bebida alcoólica, para matar o bicho».

A expressão ficou. Os homens continuam a matar o bicho, como ha trezentos anos; apenas, hoje não é em obediência à me ficina que o fazem: é por amor do alcohol. Ignorância!

(Do jornal «Mundo, Moraes»)

Ultima hora

Apareceu finalmente o piano para o baile dos caixeiros, o qual se encontra já na associação. Também já está contratado novo pianista para amanhã.

Até que emfim! Respiramos!

PARA RIR

Marco Saint-Hilaire foi um dia fazer uma visita a casa de umas senhoras. O criado, com o bilhete dele na mão, disse:

—O sr. *marquis* de Saint-Hilaire.

Foi uma grande sensação na sala! Mas Saint-Hilaire, cheio de tranquilidade disse:

—Perdão, não vale a pena tanto espanto, foi um *quis pro co*.

Madame de Stael, querendo saber um dia se era também amada por Talleyrand como era outra senhora, disse-lhe:

—Se nós caíssemos ambas ao rio qual seria salva primeiro por V. Ex.ª?

Talleyrand, cheio de diplomacia, respondeu: —Estou certo que V. Ex.ª sabe nadar como um anjo.

Mademoiselle de Entragues, cheia de ciúmes por Bassomprenne não querer casar com ela, disse-lhe:

—Sois o homem mais tolo da corte.

—Sabeis exactamente o contrario, disse ele.

Expediente

Aos nossos presadíssimos assinantes que ainda estejam em débito pedimos a fim de enviar a importância da sua assinatura, em estampilhas, podendo também mandar satisfazer a esta administração todos os dias das 11 ás 12 ou das 18 ás 19 horas.

Pensamentos... bem pensados

«O amor é como o fogo; quanto mais abafado está, melhor se conserva.»

— Por isso é que o seu lugar predilecto é a cama—que é parte quente...

«O amor é um menino que se deve levar pela mão com medo que se perca.»

— Que se perca, ou que não acerte... com a casa.

«A mulher é um delicioso instrumento em que o amor deve ser o arco e o homem o artista?»

E' Em pequena é uma gaitinha; já mulher, em quanto solteira, é um violino, depois de casada, uma gaita de foies, e quando sogra uma cega-rega.

—As vezes também é um bombo... n'uma festa.

Diversões

Soirée dançante

E' amanhã definitivamente, que se realiza na sala da Associação dos Caixeiros a anunciada «soirée» dançante, que por motivos imprevistos e poderosos não se pôde realizar na passada segunda-feira.

Abrilhanterá esta «soirée» o distincto professor de piano, sr. Francisco Xavier de Melo, de Torres Vedras.

Salão Central (Convalescença)

Este salão que passou a dar os espectáculos ás segundas e quintas-feiras, continua apresentando as ultimas novidades em cinematografia, fornecidas pela Empresa Cinematografica de Portugal.

Cinematografo High-life (Rua de Camões)

Tem agradado bastante os programas apresentados pela empresa desta elegante sala de espectáculos, onde se podem admirar os films de maior successo.

RECEITAS DE CULINARIA

(Por A. Bruu)

Sopa de cascas de burriô

Esta sopa também chamada sopa de carne, prepara-se duma maneira muito simples. Compra-se um vintem de burriôs, adultos e vacinados, que apresentem um atestado de não terem sido dados à luz junto ao casco de algum dos nossos maiores couraçados. Extraem-se os burriôs com um alfinete ou com um *forceps* e comem-se ou dão-se ao canario. Tomam-se, então, as cascas com toda a delicadeza e guardam-se, embrulhadas num *Diario do Governo*, dentro da gaveta duma mesa de cosinha, que fique a um metro e cinquenta e dois centímetros dum fogão, onde se tem posto previamente ao lume uma panela de estatura regular, olhos azues, rôsto comum, nariz comum e sem sinais particulares. Dentro da panela, quando a agua estiver fervendo, lançam-se isto é deitam-se—hortaliças, batatas, sal, abobora miêna, um raminho de hortelã, chouriço,

toucinho, papel de Armenia e um quilo, meio quilo ou quilo e meio—conforme as pessoas que assistirem ao jantar—de carne de vaca, que pode ser de boi. Passado algum tempo, tira-se a sopa do lume, deitam-se as cascas de burriô no barril de lixo e a sopa também, caso não esteja boa ou seja sexta-feira, dia em que se não deve comer carne senão de peixe.

Frigideira de miolos

SECÇÃO CHARADISTICA

Decifrações do n.º 10,

1—Gravataria. 2—O. Virosca. 3—Corsario. 4—Letrado. 5—Orgam, magro. 6—Gaiato. 7—Rode, ode. 8—Novos, ovos. 9—Nação, ação. 10—Gala, ala. 11—Entre a honra e o dinheiro o segundo é o primeiro. 12—Mesquitela.

1.º decifrador



CHARADAS

EM VERSO

Do eximio decifrador Onofre

Antes de si ninguém mata—1
O que vai na Frigideira—2
Mas catrapuz... aos srilhos
Deslisa na ribanceira.

Celeste

EM FRASE

O homem na nota é um tratante—3—1
Olhos pretos

Em casa o animal está no dogeio—2—2
Olhos pretos

Olhei esta nota alegre no Minho e neste apê-
tido—1—1—1—1.

Riohet

Este instrumento com uma consoante ligada
a este homem, alegra-se no caminho que vola-
lil atravessa adejando—1—1—1—1—1.

Riohet

Truncadas

6 Canta-se porque tem azas—3.

Riohet

7 A fuma tem a pescada—2.

Riohet

8 A dôr é líquida—3.

Olhos pretos

Combinada

9 Ao distincto charadista cujo pseudonimo é a decifração

+lête=embarcação

+tras=hervas

+gêsu=ave

Arjumar

Maçada musical

10 Formar o nome dum distincto maestro português com as letras da seguinte frase:

NA CARAÇA DO LEÃO NEM N

O mais velho

Maçada geografica

11 Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

RALHA O DÃO VIVELDO

Artsouza

Enigmas

Por Iniciais

12 O B N S P T Q E T
1 2 1 1 2 1 1 2
Artsouza

Bilhetes de visita

Em cartão pergaminho, pasta, linho de 1.ª qualidade, marfim e bristol.—**ULTIMA NOVIDADE em tipos de fantasia e de fino gosto, exclusiva-mente para este genero de trabalho**

Tipografia Caldense

DE

José da Silva Dias

Rua José Malhõa, 5 a 11

CALDAS DA RAINHA

(CASA FUNDADA EM 1906)

Trabalhos tipograficos em todos os generos tais como: Revistas literarias e scientificas, placards prospectos, memoranduns, facturas, participações de casamento, obras de livros, mapas, etc.

Trabalhos de luxo e de côres

SEMPRE EM DEPOSITO: Folhas agricolas, notas de expedição, guias de remessa, recibos de inscrições e coupons, para professores (renda de casa e expediente). Grande stock de impressos judiciais

Completo sortido em artigos de escritorio

Encarrega-se de todos os trabalhos de zincografia, galvanoplastia, fotogravura e carimbos de borracha

Modicidade nos preços **Perfeição e rapidez**

Bilhetes postais ilustrados

Com lindas colleções de fantasia e lindas vistas de Caldas, Obidos e Peniche

Esta casa recebeu ha pouco um completo sortido de tipos de fantasia e vinhetas modernas, podendo assim competir com outras casas suas congeneres

Oficina de Encadernação anexa á Tipografia